

Evaristo de Moraes Filho

A VASTA OBRA DE EVARISTO DE MORAES FILHO, O SEU ENGAJAMENTO POLÍTICO DURANTE O SÉCULO 20, A SUA ATUAÇÃO NO MINISTÉRIO DO TRABALHO, NO MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO, NA UNIVERSIDADE, NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E NOS DIVERSOS FÓRUMS REVELAM UM PERSONAGEM SINGULAR DA HISTÓRIA DO BRASIL. UM EXEMPLO DE INTELLECTUAL COMPROMETIDO COM O DIREITO DO TRABALHO, COM A DEMOCRACIA E COM OS SENTIMENTOS DE HUMANISMO E DE HUMANIZAÇÃO DO DIREITO.

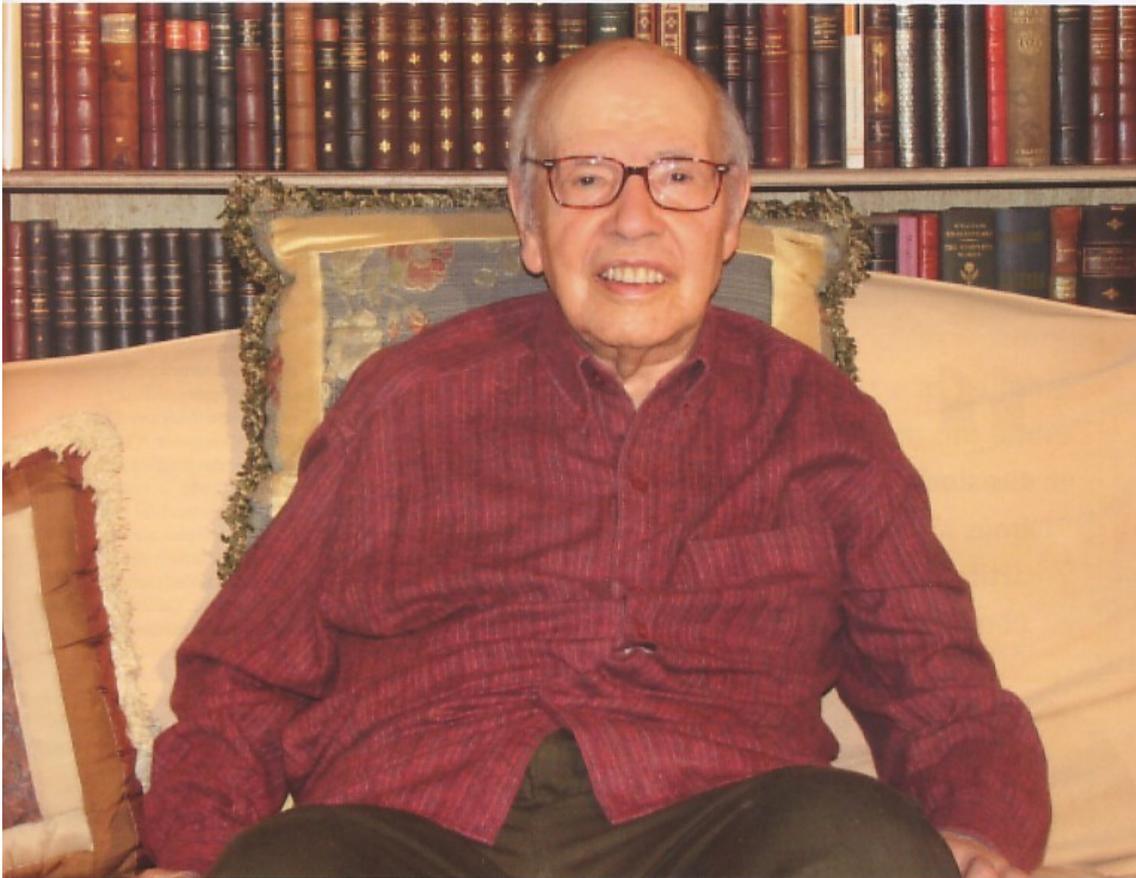
APÓS A MATÉRIA COM O MINISTRO ARNALDO SÜSSEKIND, UM DOS MAIORES NOMES DA JUSTIÇA DO TRABALHO BRASILEIRA, A ANAMATRA DEU CONTINUIDADE À SÉRIE DE ENCONTROS COM GRANDES JURISTAS NACIONAIS. AGORA, A REVISTA ANAMATRA PUBLICA A ENTREVISTA CONCEDIDA POR EVARISTO DE MORAES FILHO À TV ANAMATRA, QUE CONTOU COM A COLABORAÇÃO DO JUIZ GRIJALBO COUTINHO PARA SUA REALIZAÇÃO.

EVARISTO DE MORAES FILHO RECEBEU A EQUIPE DE REPORTAGEM DA TV ANAMATRA EM SUA RESIDÊNCIA, NO RIO DE JANEIRO, ONDE CONTOU EPISÓDIOS MARCANTES DE SUA TRAJETÓRIA DE VIDA.

*“A humanidade
é muito falha,
mas sem a
democracia não
há como viver”*

Revista Anamatra: O senhor sempre foi um estudioso das Ciências Sociais e Humanas. Formou-se em Direito, Sociologia, Filosofia, além de fazer um curso de Psicologia, sendo membro da destacada Academia Brasileira de Letras – ABL. O senhor acredita que a atuação no mundo jurídico atual demanda muito mais do que um diploma de bacharel em Direito?

Evaristo de Moraes Filho: No livro *Introdução ao Direito do Trabalho*, que eu reputo a minha obra-prima de Direito do Trabalho, eu cito uma frase de Lutero que diz: “*quem é simplesmente um jurista é uma pobre coisa*”. O Direito não vive perdido no espaço social, ele regula o espaço social e está no meio de todos os fenômenos sociais, da economia, religião, antropologia, tudo isso. Quem não tem uma visão de conjunto da vida social, de modo global, torna-se simplesmente um formalista, um positivista, no sentido de reduzir todo o Direito a normas jurídicas.



Revista Anamatra: Sua vida é certamente um arquivo valioso de todo o processo político pelo qual passou o Brasil no século 20, o que inclui também a influência de seus ensinamentos sobre a elaboração do texto constitucional de 1946, sobre a Carta de 1988 e também sobre a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). O senhor acredita que as leis trabalhistas brasileiras expressam, de alguma forma, a luta dos trabalhadores ou foram criadas por obra espontânea de Getúlio Vargas?

Evaristo de Moraes Filho: Eu não gostava do Getúlio, mas agora está tão pior que estou revendo meus conceitos. Os adeptos de Vargas inventaram a chamada outorga espontânea da legislação do trabalho, que defendia que Getúlio teria outorgado ao proletariado as leis trabalhistas, espontaneamente, como se não tivesse havido nenhuma greve, reivindicação, prisão, tortura... No fim do século 19 e início do século 20, o Brasil vivia um período cheio de greves e de grandes movimentos sociais. As leis trabalhistas foram preparadas

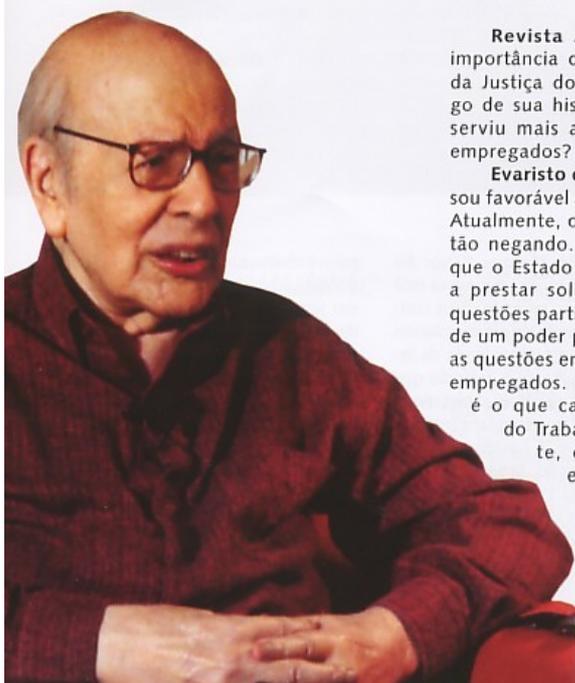
pelos trabalhadores no sentido de serem por eles reivindicadas. O Getúlio, aliás, em janeiro de 1931, em um de seus discursos afirmou: "*a minha legislação não é revolucionária, é conservadora*". Ele não mentiu, mas depois surgiram os demagogos. A influência de Vargas foi dos positivistas do Rio Grande do Sul. Vargas sempre falava da integração do proletariado, mas sempre como um positivista, nunca como um comunista. Carlos Prestes rompeu com Getúlio em 1930 e foi perseguido. Ele, Vargas, sempre perseguiu os comunistas.

Revista Anamatra: O senhor acredita que a luta entre as correntes de pensamento da Era Vargas – liberais e corporativistas – influenciou na formação da CLT e no modelo de relações de trabalho ali definido? Que papel o senhor atribuiria a Lindolfo Collor e a Oliveira Viana?

Evaristo de Moraes Filho: Lindolfo Collor foi altamente liberal, apesar de positivista. As primeiras leis trabalhistas foram dele e de Getúlio. Ele não era corporativista. Já Oliveira Viana era um homem de pensamento, mas organicamente corporativista, que tinha razão em parte ao achar que o brasileiro é um povo disperso e não solidário. Ele era contra a luta de classes.



Os sindicatos até hoje são mantidos artificialmente com o imposto”



Revista Anamatra: O senhor presenciou os dois golpes do século XX no Brasil, em 1937 e 1964, sendo vítima do último, a ponto de ser preso e cassado da Universidade como professor. Como foi o banimento dos pensadores brasileiros pela quartelada militar em 64? Isso influenciou os dias atuais?

Evaristo de Moraes Filho: Sim, influenciou e prejudicou os dias atuais. O Estado Novo foi horrível. Muita gente esquece. Um dos chefes de polícia da época era Filinto Müller, que era de família alemã e com tendência nazista. Certamente, nós perdemos um passo com a história e os países mais democratas passaram na nossa frente.

Revista Anamatra: O professor Evaristo de Moraes Filho viveria e se expressaria melhor nos dias de hoje, em plena atividade, como professor, jurista e sociólogo, com a democracia que temos?

Evaristo de Moraes Filho: Não há dúvidas. Nas palavras do filósofo Churchill: “*A democracia pode não ser o melhor dos regimes, mas é o menos pior*”. A humanidade é muito falha, mas sem a democracia não há como viver.

Revista Anamatra: Qual a importância do poder normativo da Justiça do Trabalho? Ao longo de sua história de existência, serviu mais aos patrões ou aos empregados?

Evaristo de Moraes Filho: Eu sou favorável ao poder normativo. Atualmente, os empregadores estão negando. A Constituição diz que o Estado é sempre obrigado a prestar soluções judiciais a questões particulares. Precisamos de um poder para resolver de vez as questões entre empregadores e empregados. O poder normativo é o que caracteriza a Justiça do Trabalho. Aparentemente, ele é favorável ao empregado, porque é quem precisa, quem pleiteia...

Revista Anamatra: E o movimento sindical? Afinal o que é melhor, a unicidade ou o direito à eventual pluralidade, conforme defendido pela OIT?

Evaristo de Moraes Filho: Aqui eu represento um papel diferente. A minha tese de concurso de livre docente, de 1952, foi sobre sindicato único, nela eu defendi a unicidade. Mas, realmente para haver plena liberdade sindical e total autonomia tem de haver pluralidade. Porém, no Brasil, até hoje não temos organicidade sindical, assim o movimento se dispersa e se enfraquece. Particularmente, sou a favor da unicidade, desde que fique a critério do empregado resolver, e não como o Estado faz atualmente.

Revista Anamatra: E a contribuição sindical compulsória?

Evaristo de Moraes Filho: Eu sou totalmente contra. Como pode haver liberdade sindical se todo mundo é obrigado a contribuir a favor da entidade sindical contra sua vontade? O que é pior e mais triste é que a Constituição de 1988 manteve a contribuição confederativa, dando um passo para trás. Os sindicatos até hoje são mantidos artificialmente com o imposto, que mudaram o nome para “contribuição” para disfarçar, mas dá no mesmo. Tudo que se paga a favor do Estado e contra a vontade é imposto. Isso deu muito escândalo na época do Getúlio e do Jânio Quadros.

Revista Anamatra: Como o senhor se sente vendo que hoje a flexibilização do Direito do Trabalho, que sempre combateu, está sendo maquiada sob as formas mais diversas, a exemplo da terceirização, da contratação de pessoas físicas como jurídicas, da contratação de falsos autônomos, falsas cooperativas, falsos estagiários, entre outros tantos meios de burlar a legislação trabalhista?

Evaristo de Moraes Filho: Foi muito infeliz o meu amigo pessoal Fernando Henrique Cardoso, que também é sociólogo, em dizer: “Terminou a era Vargas”. Um homem como ele que se diz socialista, fez o Brasil voltar ao regime neoliberal, de

ausência de proteção do Estado. Nós sabemos que nossa massa, nossos analfabetos, nossos pobres sem a proteção do Estado são como 'raposa no galinheiro'.

Revista Anamatra: Fala-se muito em reforma trabalhista. O senhor acredita que a legislação do trabalho precisa de modificações?

Evaristo de Moraes Filho: Poucas. E sempre no sentido de maior liberdade, nunca de afrouxamento da proteção. Porque a consolidação ainda tem alguma coisa excessivamente regulamentalista e corporativista. Vamos dizer a verdade, quase fascista.

Revista Anamatra: É possível existir Direito do Trabalho totalmente flexível, com absoluto desprezo dos princípios fundadores?

Evaristo de Moraes Filho: Não. Precisa haver uma diretiva de proteção e elevação que impeça a exploração do homem pelo homem.

Revista Anamatra: O princípio da proteção ao hipossuficiente é coisa do passado ou é discurso de quem quer acabar com o Direito do Trabalho?

Evaristo de Moraes Filho: De certa maneira, ainda é do presente. Há muita miséria em nosso país. Tem de haver essa proteção, não há dúvidas. Mas, com o fim da era Vargas, houve um alívio do patronato. Eu tenho um documento, de 1949, que mostra que veio ao Brasil uma missão americana (Abbink) para tratar com Eurico Gaspar Dutra. Nessa missão, os EUA pediam algumas coisas como o fim da relação de 2/3 e acabar com a estabilidade. Na época, isso não aconteceu, mas em 1964, a estabilidade acabou caindo.

Revista Anamatra: Como os juízes do trabalho e os membros do Ministério Público do Trabalho podem fazer algo para evitar a flexibilização?

Evaristo de Moraes Filho: Um procurador não é apenas um parecerista nos autos, ele defende o hipossuficiente com justiça. O mesmo para o juiz, que tem de ser humano e bastante corajoso... Mas é preciso



Evaristo de Moraes Filho e a juíza da 1ª região Eliete Telles

“ Se deixar as raposas e as galinhas soltas no galinheiro sem um poder soberano não há dúvidas que as raposas vão vencer”

também que o sindicato também seja forte.

Revista Anamatra: No mais recente livro sobre a sua história, o senhor deu uma entrevista se autodefinindo como um socialista e marxista, sem ter concretizado suas idéias. Existe algum partido político na atualidade com que o senhor se simpatize?

Evaristo de Moraes Filho: O próprio Partido Socialista Brasileiro, o chamado socialismo democrata. Precisamos de liberdade de eleição, expressão... Sem democracia não há sociedade livre. Mas confesso que às vezes fico meio pessimista. Quem eu substituí na ABL, o maior líder católico do Brasil, que foi Tristão de Ataíde, também estava com esse mesmo sentimento e escreveu uma frase: "O homem é um projeto que Deus abandonou". Eu vejo a juventude de hoje, nosso país. Mata-se como quem oferece um copo d'água...

Revista Anamatra: Qual o futuro do Direito do Trabalho, do

Ministério Público do Trabalho e da Justiça do Trabalho?

Evaristo de Moraes Filho: Cada vez melhor. Através de muita luta, mesmo porque a humanidade ainda não está acomodada. Essa não é a vida normal da sociedade. Enquanto houver homem na face da terra, haverá sempre história. Temos um regime desigual, infeliz. A humanidade precisa encontrar uma fórmula de viver mais solidária, feliz, justa. No fundo, habitamos a mesma Terra, o mesmo planeta. A nossa casa é a mesma. Eu me lembro de minha mocidade e do entusiasmo, meu pai lutou a vida inteira com esperança.

Revista Anamatra: Uma mensagem para as futuras gerações...

Evaristo de Moraes Filho: Em 1848, na Revolução Francesa, falou-se que na luta entre o fraco e o forte, a liberdade escraviza e a intervenção do Estado liberta. Se deixar a raposa e as galinhas soltas no galinheiro sem um poder soberano, não há dúvidas que as raposas vão vencer. E o Direito do Trabalho é isso. ■